

OS SEMINARISTAS DE BERNARDO GUIMARÃES E RUBEM FONSECA: LEITURA COMPARATIVA À LUZ DOS ATEUS DAWKINS E EAGLETON

Bruno Lima Oliveira (UERJ/FAPERJ)¹

Resumo: À luz do pensamento de dois ateus com visões divergentes sobre Deus e a religião, este ensaio analisa como Bernardo Guimarães e Rubem Fonseca, autores de romances homônimos, *O seminarista*, escritos respectivamente nos séculos XIX e XXI, fundamentam suas obras. Ambos podem ser lidos como uma crítica aguda à religião, mas é interessante notar como seus personagens ambientam-se e subjetivizam-se de maneiras diferentes em momentos históricos que distam um do outro pouco mais de um século. Enquanto Eugênio, nos oitocentos, tem forte ligação com Deus e com a vida clerical, apesar de seus amores profanos, o segundo, José, na atualidade, matou Deus.

Palavras-chave: Deus; religião; ateísmo; ficção.

Desde a Grécia clássica que os mitos personificam-se nas páginas literárias, ou, se preferirmos, os deuses apresentam-se como personagens de e na ficção. Como uma cultura politeísta, o helenismo humanizava deuses e semideuses, de maneira a caracterizá-los com qualidades humanas, positivas ou negativas, mas, ainda assim, divindades sobre-humanas. As epopeias homéricas e as tragédias de então, regularmente, imiscuíam o sagrado e o profano. Séculos adiante, o nascimento de Jesus, o messias filho de Deus – agora já em uma cultura monoteísta, que perdura ao

¹ Doutorando em Literatura Comparada no programa de pós-graduação em Letras da UERJ. E-mail: brunolima74@gmail.com.

menos no Ocidente até os dias de hoje –, modificou indelevelmente a compreensão dos homens a respeito da verdade da criação do mundo e de tudo que nele habita, mas a literatura, por ser arte, consegue criar seu próprio domínio, sua autonomia, para utilizar o conceito de Adorno (2008), e problematizar a verdade sagrada contida nos livros que expressariam a palavra de Deus.

Hoje, na segunda década do século XXI, após ultrapassarmos as barreiras impostas pela Igreja e sua Inquisição, já é possível declarar-se ateu sem, com isso, sofrer as barbáries de tempos pretéritos e, sobretudo, colocar em xeque, via literatura, os preceitos dogmáticos da Igreja e caminhar para um mundo secular, cujo Deus está morto. Várias são as obras que abordam essa temática, mas nos servirão como leitura os romances homônimos de Bernardo Guimarães (1978), do século XIX, e de Rubem Fonseca (2009), deste século, *O seminarista*. Antes, contudo, de compararmos as visões divergentes que os autores apresentam de Deus e da Igreja, vale a pena verificarmos como Deus e, naturalmente, o sagrado e o profano são discutidos por dois ateus com visões acerca da religião bastante divergentes.

O primeiro deles é Richard Dawkins (2007), ateu convicto. Obviamente, nenhum problema há nisso. Mais do que ateu, porém, ele é um militante feroz e implacável contra toda e qualquer religião e, *ipso facto*, contra Deus. Na realidade, o delírio, segundo o autor, não está na crença em Deus, ou em deuses, mas, sim, na crença em qualquer fenômeno sobrenatural – e aí incluem-se Papai Noel, gnomos, fadas do dente, espíritos etc. Em seu livro *Deus, um delírio*, Dawkins tem a pretensão confessa de converter seus leitores teístas em ateus, pois a(s) religião(ões) é (são) um mal que necessita(m) de um freio. Segundo o autor, as grandes maldades do mundo são cometidas em nome da religião. Para sustentar seu argumento, cita o prêmio Nobel Steven Weinberg, que diz que "a religião é um insulto à dignidade humana. Com ou sem ela, teríamos gente boa fazendo coisas boas e gente ruim fazendo coisas ruins. Mas, para que gente boa faça coisas ruins, é preciso a religião" (Dawkins 2007: 322). Logo em seguida evoca Pascal, nessa mesma direção, que afirmou: "os homens nunca fazem o mal tão plenamente e com tanto entusiasmo quando o fazem por convicção religiosa" (Dawkins 2007: 322). Evidentemente, a história documenta que coisas hediondas já foram e ainda são feitas em nome de Deus. Uma das razões pode ser atribuída ao monoteísmo, pois, se só há um Deus, o Deus da *minha religião* é o "verdadeiro", e qualquer um que professe uma fé divergente só pode ser um herege e, portanto, merece ser punido.

Para Dawkins, homem das ciências, é de certo modo fácil desconstruir a fé em um Deus sobrenatural porque todas as tentativas teológicas de provar sua existência são fracas, inconsistentes e, muitas vezes, ilógicas, paradoxais e contraditórias. Elas somente fazem sentido para quem tem fé, e fé é algo que se tem ou não. Ademais, a ciência já provou algumas coisas que, aos olhos de um religioso, são um absurdo, como por exemplo sermos fruto da evolução, e não do criacionismo. Não há o que se contestar a esse respeito, pelo menos de Darwin para cá. Por outro lado, a ciência nunca provou – e parece-me que jamais provará – a inexistência divina.

Há, contudo, alguns senões na abordagem científicista de Dawkins. Em primeiro lugar, ele inicia seu livro queixando-se do preconceito que os ateus sofrem apenas pelo fato de serem ateus, como se a ausência de fé ocasionasse um distúrbio moral – ou a falta de uma moral, que só poderia ser dada pela religião. Cita como

exemplo a enorme dificuldade que um ateu teria para se eleger a algum cargo público. Segundo ele, seria mais fácil um homossexual ser eleito presidente dos EUA do que um ateu. E nesse ponto concordo com ele, haja vista o enorme poder do sagrado ainda em nosso tempo. Todavia, diferentemente dos homossexuais e das mulheres (para mencionar apenas duas lutas recentes da sociedade), que se organizaram em prol de uma liberdade, do reconhecimento pleno de seus direitos civis, sem com isso usar como arma o mesmo preconceito que os vitimizava, Richard Dawkins, ao longo de pouco mais de 500 páginas, demonstra a mesma indiferença e o mesmo descaso de que se sente vítima. Para ele, pessoas religiosas e teístas são menos favorecidas intelectualmente. A diferença residiria no fato de que o autor se pauta em evidências completamente prováveis, ao passo que o religioso se vale apenas de sua fé, sem qualquer embasamento lógico e comprovável para tanto. É oportuno mencionar, neste ponto, Adorno, para quem a ciência torna conhecido o desconhecido, ao contrário da arte, e da literatura, que torna o desconhecido conhecido. De acordo com a teoria estética adorniana, há que se distinguir o conhecimento oferecido pela ciência daquele transmitido pela arte. Aquela seria capaz de explicar, por exemplo, como satélites naturais orbitam planetas, tornando o então desconhecido conhecido; por outro lado, a arte, ao trabalhar com a subjetividade, acaba por transformar um objeto conhecido, como um urinol, em algo desconhecido, na medida em que o ressignifica deslocando-o para o interior de um museu, como fez Marcel Duchamp, de modo a problematizar o conceito de arte. A ciência, nesse caso, não é capaz de nos dar todas as respostas de que necessitamos.

No início do livro, Dawkins diz que "a vida é curta demais para nos preocuparmos com a distinção entre os muitos produtos da imaginação" (Dawkins 2007: 61). Ora, se Deus ou deuses são produtos da imaginação e não temos tempo a perder, por que razão escrever 500 páginas sobre isso? Poucas páginas adiante, ele desabafa: "Estou sinceramente farto de pregadores políticos em todo este país me dizendo que, como cidadão, se eu quiser ser uma pessoa moral, tenho que acreditar em A, B, C e D" (Dawkins 2007: 66). Por que deveríamos, então, dizer às pessoas que elas não devem acreditar em A, B, C ou D? Porque, para o autor, a religião é um mal que precisa ser combatido. Mas isso não equivaleria a dizer que a ficção também deveria ser combatida, no sentido de que, tal como a religião, trabalha com a imaginação e não tem respaldo factual e científico? Em uma palavra, a ficção também seria uma "mentira" não explicada pela ciência, tal como Dawkins a pensa, ao menos, desse modo se equiparando à religião.

Muita barbárie já foi cometida em nome de Deus e da religião, mas isso, a meu ver, não é problema nem da religião nem de Deus, mas sim dos homens, que utilizaram – como ainda utilizam –, em benefício próprio, a fé alheia. E eis que, nesse sentido, evidencia-se um dos problemas da abordagem de Dawkins: a ciência nos traz dia a dia muitas conquistas, é certo. Graças a ela temos conforto, bem-estar, descobrimos curas para doenças terminais e inúmeros outros benefícios. Mas não foi graças à ciência que a bomba atômica foi feita, destruindo Hiroshima e Nagasaki? O que o mundo assistiu horrorizado na Segunda Grande Guerra, nos campos de concentração alemães, não eram experimentações científicas? Os acidentes nucleares também não são, de certa forma, consequência dos avanços da ciência? Mas ninguém de bom-senso dirá que o problema é da ciência, mas sim de como o homem a utiliza.

Um outro grave equívoco de Dawkins, na minha opinião, é que ele, apesar de estender sua crítica para todas as religiões, parece se concentrar apenas nas três religiões abraâmicas – judaísmo, catolicismo e islamismo. Com essa restrição, ele prende-se aos Velho e Novo Testamentos e ao Alcorão. E, para piorar, faz uma leitura literal desses livros. Não sou religioso, mas o espiritismo e as religiões afro-brasileiras não se enquadrariam no fundamentalismo que poderia advir das três religiões apontadas pelo autor. Além do mais, nem todo judeu, católico ou muçulmano leva a ferro e fogo, ao contrário do que ele acredita, o que consta nos livros sagrados. Dizer que todo muçulmano é um homem-bomba em potencial, por exemplo, incorreria na mesma falácia perigosa de qualquer generalização, como a de que todo ateu é imoral, dentre tantas outras.

Salvo engano, foi Rubem Alves quem disse que Deus não existe simplesmente porque a existência é uma condição humana. Se Deus é sobre-humano, Ele é – ou não – alguma outra coisa que fugiria à nossa compreensão. Dawkins, mais uma vez, equivocou-se ao humanizar Deus, tal qual fizeram os gregos, mas agora em outro contexto. Não raro, sempre que ele quer desconstruí-lo, desacreditá-lo, atribui a Deus condições humanas, de maneira a, assim, provar as suas contradições e suas idiossincrasias. Se Richard Dawkins afirma não crer em nada sobre-humano, deveria esquecer, neste caso, seu intelecto para buscar lógica em um mundo que não é – ou não seria – físico. É apenas este mundo físico capaz de ser regido e explicado com propriedade pela ciência. Esta se ocupa do que é natural e oferece hipóteses e teorias para o que há na Terra. Mas o que é sobrenatural é de outra ordem, não deveria inquietar tanto a um cientista, seja por indiferença, desinteresse ou inaptidão.

A literatura – ficção por excelência – oferece-nos mundos outros muitas vezes inverossímeis se contemplados à luz da ciência. Todos sabemos ser impossível Gregor Samsa metamorfosear-se em um inseto, mas a leitura de Kafka ainda é indispensável, como tantas outras. Se Deus não "existe de fato", ainda assim passa a existir como construção discursiva e, portanto, como ficção. E que mal pode haver com as ficções? Elas são imprescindíveis para nós, que somos, em certo sentido, igualmente ficcionais. Ao aproximar Deus da literatura, todavia, Richard Dawkins fornece bons momentos em seu livro. Duas passagens são exemplares: "o principal motivo de a Bíblia ter de fazer parte de nossa educação é o fato de ela ser importante fonte de cultura literária. A mesma coisa aplica-se às lendas dos deuses gregos e romanos, e aprendemos sobre eles sem que ninguém peça que acreditemos neles" (Dawkins 2007: 434). Pouco mais à frente ele diz: "Certamente a ignorância em relação à Bíblia empobreceria o apreço à literatura" (Dawkins 2007: 435). Ademais, nossa cultura está repleta de signos religiosos, muitos dos quais nem sequer mais têm uma conotação realmente religiosa, *stricto sensu*, mas já receberam um status social, como o casamento religioso, dentre outros.

São muitas as questões apresentadas com complexidade por Richard Dawkins e seria difícil enumerar todas aqui. Mas, para finalizar as considerações sobre este ateu, cito outra passagem, no mínimo, conflituosa de nosso autor. É com perplexidade que ele fala da educação religiosa ministrada para crianças, uma vez que elas não teriam, ainda, discernimento para seguir ou não, por sua própria vontade, a religião de seus pais. Apenas com idade suficiente para decisão de tal ordem é que se deveria falar de religião para elas. Ele se pergunta: "as próprias

crianças não deveriam ter direito a uma opinião?" (Dawkins 2007: 420). Mas se elas não têm condições emocionais e intelectuais para decidir crer ou não em Deus, teriam para não crer? Se Dawkins afirma que as crianças não têm maturidade para escolher, como exigir delas maturidade para opinar? Parece-me natural que os pais busquem para seus filhos o que julgam ser o melhor. Sendo este melhor uma vida religiosa, o que fazer? Richard Dawkins tem todo o direito de descrever em Deus e se manter afastado das religiões, mas tem o dever de, como cidadão, respeitar a educação religiosa que porventura pais resolvam dar a seus filhos.

Dawkins, muito erudito, cita inúmeros autores em seu livro e demonstra possuir bastante domínio sobre o assunto de que trata. Não concordo com muitas de suas posições, mas, ainda assim, é uma leitura interessante sobre o tema e que ao menos nos faz refletir bastante. De todas as citações de Dawkins, faltou uma, a de Voltaire, que defendia o direito à opinião, mesmo que dela não concordasse. Como falei anteriormente, não sou religioso, mas quem é tem o pleno direito de sê-lo, quer eu concorde com a escolha ou não.

Finalmente, há, em nosso planeta, inúmeros problemas que merecem ser solucionados para que a humanidade prossiga de maneira a viver em harmonia. Talvez o eterno estado de alerta em que vivem os EUA e a Grã-Bretanha (país natal de Dawkins), com episódios recentes de atentados que chocaram todo o mundo, em função de relações belicosas com o mundo islâmico – a meu ver, a religião serve como uma forma de escamotear interesses escusos –, tenha contribuído para a acusação da religião e de Deus como os grandes vilões a serem combatidos.

Com outra abordagem, o excelente livro *O debate sobre Deus*, de Terry Eagleton (2011), é o resultado das conferências que o professor de literatura inglesa na Universidade de Lancaster e de teoria cultural na Universidade Nacional da Irlanda proferiu a convite da Universidade de Yale em 2008. Poderia ser curioso ou mesmo incompreensível que um ateu se dispusesse a debater um assunto dessa natureza. No entanto, Eagleton, ao contrário de Richard Dawkins, por exemplo, faz parte do time de "ateus moderados", de acordo com denominação do professor Gustavo Bernardo Krause². Isso significa que, diferentemente de Dawkins, a religião não é, para Eagleton, um mal que necessita ser extirpado; ela tem sua importância e não encontra substituto para sua função na vida da humanidade, seja qual for a religião.

Como professor de literatura, o conferencista é mais íntimo da ficção, ao contrário de Dawkins, homem das ciências e incapaz de fazer uma leitura alegórica dos livros sagrados. Para o primeiro, a equiparação entre Deus e ficção é mais natural e fluida, de modo a facilitar uma compreensão religiosa para além da literalidade contida nos Velho e Novo Testamentos e no Alcorão; para o segundo, esta tarefa torna-se nebulosa e inalcançável. Esta é apenas uma dentre várias críticas que Eagleton faz a Dawkins e aos "ateus ferozes".

Neste livro, o autor evoca a religião como uma doutrina filosófica – e é este ponto um diferencial bastante inovador em se tratando de um ateu. Para ele, uma visão religiosa

² Definição dada em sala de aula no curso Da ficção de Deus ao Deus da ficção, ministrado no programa de pós-graduação da UERJ em 2013.

trata-se, sim, de alimentar os famintos, abrir os braços para os imigrantes, visitar os doentes e proteger os pobres, os órfãos e os enviuvados da violência dos ricos. Espantosamente, não somos salvos por um aparato especial conhecido como religião, mas pela qualidade das nossas relações cotidianas uns com os outros. Foi o cristianismo, e não a *intelligentsia* francesa, que inventou o conceito da vida cotidiana (Eagleton 2011: 28).

Esta citação equivaleria a dizer que, a despeito da crença ou não em um messias salvador, o que o cristianismo prega há mais de dois mil anos, além de ser extraordinariamente revolucionário – e duradouro –, é um *modus vivendi* a ser adotado por toda a humanidade, pois, assim agindo, tornaríamos o mundo melhor, mais justo, solidário, altruísta. Para alcançarmos esse estágio, a crença em Deus seria apenas um detalhe, isto é, o Todo Poderoso não deveria nos dizer como nos comportarmos, mas este deveria ser um comportamento intrínseco a todo ser humano. Qualquer semelhança com o socialismo não é mera coincidência. Em todo caso, como afirma Eagleton, o cristianismo teria sido a primeira "corrente filosófica" a apontar esse caminho. Por que, então, é tão difícil que consigamos viver sob esses preceitos? Para o autor, o capitalismo tem contribuição decisiva, pois "o sistema capitalista avançado é inerentemente ateu. Ele rejeita Deus em suas efetivas práticas materiais e quanto aos valores e crenças aí implícitos, independentemente do que possam asseverar alguns dos seus apologistas" (Eagleton 2011: 44). Uma vida espiritual seria a antítese do acúmulo de bens materiais, ícone máximo da premissa capitalista. Quanto maior o poder de compra de um indivíduo e quanto mais capital ele conseguir acumular, mais ele será bem-sucedido. Dar aos pobres, ajudar quem necessita, acabar com a fome, dentre tantas outras atitudes altruístas e humanistas, parecem não se coadunar com o que prega o capitalismo. A própria religião, de acordo com Eagleton, se perdeu em meio à ostentação, como se a religião não fosse mais religiosa, ignorando os preceitos revolucionários de Cristo. Daí ser cada vez mais comum o surgimento de igrejas que visam apenas o lucro, explorando seus fiéis com contribuições muitas vezes exorbitantes e incentivando o ódio ao invés do amor, seja contra homossexuais ou contra qualquer pessoa que não se adeque àquilo que ela julgue correto. Para Eagleton, "o cristianismo há muito migrou do lado dos pobres e despossuídos para o dos ricos e agressivos" (Eagleton 2011: 57). Para corroborar sua crítica ao capitalismo e sua contribuição para a "corrupção" da fé e da religião, o autor se pergunta: "qual o sentido da fé ou da esperança numa civilização que se vê como autossuficiente e basicamente tão boa quanto possível, ou, no mínimo, como um progresso retumbante em relação ao que existia antes?" (Eagleton 2011: 49).

Ora, se Terry Eagleton iniciou um ataque crítico ao capitalismo como uma das causas do combate à religiosidade, ele precisaria aprofundar seus argumentos de modo a atingir seu maior responsável: os EUA e o mundo ocidental. E ele o faz de maneira direta, objetiva, contundente e destemida, numa universidade nos próprios EUA. Contra todo o terror advindo do ataque às torres gêmeas do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, ele afirma que, mesmo para os terroristas mais convictos de suas decisões assassinas – fique claro que o autor não compactua com

elas –, seria necessário muitos anos de terror para igualar as mortes ocasionadas pelo "histórico bárbaro de guerra e imperialismo dos ocidentais" (Eagleton 2011: 62). Dentre outros equívocos da política estadunidense, o autor cita o maior número de mortos no Chile, na ocasião da destituição de um governo democraticamente eleito, do que os mortos no 11 de setembro; menciona o apoio dos EUA ao regime da Indonésia, que exterminou igualmente um maior número de pessoas do que no atentado de 2001; também, em 1978, "com a assistência da CIA, o Irã passou de uma nação que incluía esquerdistas seculares e democratas liberais a um estado islâmico linha-dura" (Eagleton, 2011: 97). Eagleton responsabiliza os próprios EUA pelo estado de tensão em que vive após os atentados que chocaram o mundo. Segundo ele, "foi o Ocidente que ajudou o islamismo radical a florescer, quando o recrutou para lutar contra o chamado comunismo – rótulo usado para descrever qualquer país que ousasse esposar o nacionalismo econômico em detrimento do capitalismo corporativo ocidental" (Eagleton, 2011: 98).

O mundo islâmico, à luz do capitalismo, ficou completamente empobrecido, mais do que isso, excluído da bonança do capital e mutilado identitariamente, além de completamente ignorado pelo ocidente após perder sua serventia política. A respeito do islamismo, que seria a causa do terror vivido no mundo ocidental, ao contrário do que ficou tido como "verdade" no ocidente, Eagleton mostra que esta religião, em seus preceitos básicos, é contrária à barbárie, à violência, ao suicídio. Neste caso, o que motivaria os ataques extremistas e assassinos? Certamente a motivação não é religiosa, mas sim política. Nas palavras do autor, "o radicalismo islâmico, como o fundamentalismo cristão, acredita na substituição da política pela religião. Se a política fracassou na missão de emancipar o cidadão, quem sabe a religião funcionará melhor" (Eagleton 2011: 48).

Parece claro, a meu ver, que há aí um problema ontológico, pois a religião se deslocou para outra seara, alheia a sua origem primeira. Este deslocamento, porém, na visão do autor, não é exclusivo do islamismo, mas de toda religião em tempos atuais.

Este livro de Terry Eagleton merece ser lido com cuidado por religiosos ou não, teístas ou ateístas. Naturalmente, ele não restringe suas observações acerca de Deus e da religião a uma problematização do capitalismo e do mundo ocidental, mas é esta questão demasiada interessante e, a meu ver, inovadora, explicitando uma abordagem ignorada pela cultura ocidental. A política já demonstrou incapacidade de solucionar os problemas da humanidade, principalmente pós Guerra Fria e derrocada do comunismo. Para alcançar sua supremacia, os EUA e seus aliados utilizaram de todos os subterfúgios. Assim, "os fundamentalistas, em sua maior parte, são aqueles que o capitalismo deixou para trás, aqueles cuja confiança o capitalismo traiu, como trairá a de qualquer um e qualquer coisa que não gere mais lucro" (Eagleton 2011: 47). A religiosidade, para Eagleton, é tão fortemente praticada – mesmo que por vias distorcidas – nos dias de hoje como uma forma de protesto, pois "sinalizam um problema para o qual não há solução" (Eagleton 2011: 46).

Eagleton, apesar de ateu, compreende muito bem os preceitos religiosos e é defensor da religião, afinal, se a exterminássemos, como quer Dawkins, o que a substituiria? Não entrarei na questão dos enormes equívocos cometidos pela Igreja ao longo dos séculos, dos atentados extremistas em nome de um "Deus", ou mesmo

da homofobia presente nos cultos evangélicos de um modo geral, dentre tantas outras desumanidades, mas, mesmo ao enumerar tais arbitrariedades, não é possível negar ações bastante positivas e genuinamente cristãs praticadas pelas religiões. Não à toa, talvez seja a instituição mais longeva do mundo, e isso não se dá sem um motivo sólido, sério e forte.

Para encerrar a contribuição de Eagleton para este ensaio, seu livro é leitura obrigatória porque aborda questões outras acerca de Deus e das religiões, todas muito bem embasadas e sob uma perspectiva materialista, sem, contudo, abdicar de uma visão profunda da religiosidade. Como marxista, ele dá uma compreensão para além do senso comum de que a religião é o ópio do povo.

Dois ateus expuseram seus pontos de vista divergentes sobre Deus e religião e como os homens se comportam, ou deveriam se comportar, nesse cenário. O que importa, agora, é rastrear essa contribuição nos romances *O seminarista*, seja o de Bernardo Guimarães, escrito nos oitocentos, seja o de Rubem Fonseca, deste século. Como a literatura responde à questão do sagrado *versus* profano debatida por Dawkins e Eagleton?

Em 1872, Bernardo Guimarães publica seu romance *O seminarista*. Nem o livro nem o autor figuram no primeiro escalão do cânone literário brasileiro, mas este texto apresenta algumas questões que merecem ser discutidas, entre outros motivos, porque é retomado dialogicamente, neste século, por Rubem Fonseca, em romance homônimo. Na segunda metade do século XIX, Bernardo Guimarães escreve um livro que pode ser lido de duas formas: a primeira e mais ingênua, como um enaltecimento da religião católica; a segunda e mais oportuna, justamente como uma crítica a essa mesma religião, em especial ao celibato clerical.

Nada melhor do que uma história de amor para dar curso à trama, bem de acordo com o estilo demasiado romântico do romance. Mas o amor recíproco entre Eugênio e Margarida não poderá ser consumado, pois os pais do menino Eugênio determinaram que ele será padre e, para tanto, irá estudar no seminário – José, narrador de Fonseca, também foi seminarista, atendendo o desejo de sua mãe, mas não chega a se ordenar. Outra importante diferença entre Eugênio e José: aquele é religioso, servil e amedrontado, ao passo que este é ateu, forte e destemido. A construção de caráter dos personagens obedece à lógica do temor a Deus: para Eugênio, Deus é punitivo, além de ser onisciente, onipresente e onipotente, isto é, o pobre rapaz nada poderia contra tamanho poder; já para José, Deus está morto, assassinado por um mundo secular, no qual os dogmas da Igreja e os preceitos divinos não mais fazem sentido.

Para a construção da história de um amor condenado, em Guimarães, há, ao longo de todo o romance, referência ao pecado original, de maneira a não apenas repudiar a pureza do amor de Eugênio e Margarida, mas, principalmente, problematizar alguns dogmas da Igreja. No segundo capítulo, uma cena é exemplar: Margarida, ainda aos dois anos de idade, brincava no quintal longe de cuidados, quando Eugênio deu por sua falta e, ao encontrá-la, aterrorizou-se com a jararaca que se enrolava ao redor da menina. A serpente não atacou a indefesa criança, ao contrário, brincava, lambia e beijava o rosto da pequena. Eugênio gritou por socorro e sua mãe e Umbelina (mãe de Margarida) correram ao seu auxílio e perceberam que nenhum mal lhe havia acontecido. A senhora Antunes, muito devota, "teimava em

ver naquilo um sinistro prenúncio, que ela mesma não sabia explicar" (Guimarães 1978: 17). Para Umbelina, os receios da senhora Antunes eram infundados, uma vez que a cobra não fizera nenhum mal, ao que esta respondeu que a serpente também não mordera Eva, mas a tentara, o que era muito pior. Já no início do romance, portanto, Margarida está intimamente associada à serpente e à causa da perdição da humanidade, que desobedecera às ordens de Deus. "Se o Gênesis não nos apresentasse esse terrível réptil como cheio de astúcia e malícia seduzindo a primeira mãe da humanidade e fazendo-a perder para si e para toda a sua descendência as delícias do paraíso terreal, dir-se-ia que até a serpente tem seus impulsos generosos e também sabe respeitar a fraqueza e a inocência da infância" (Guimarães 1978: 14), afirma o narrador, que costuma intervir dubiamente: por um lado seu discurso afinase com os preceitos católicos, mas, por outro, nas entrelinhas, o critica severamente. O episódio bíblico de Adão e Eva é um prato cheio para Dawkins, em uma leitura literal, mostrar-se cético e, no final das contas, desdenhar da ficção, não de Deus.

Já no seminário, Eugênio não consegue esquecer Margarida. E é justamente a pureza deste amor que mais o aproxima de Deus. O jovem seminarista não conseguia entender por que havia de sacrificar um amor em nome de outro, por que não era possível coexistirem o amor a Deus e o amor a uma mulher. "Amor e devoção se confundiam na alma ingênua e cândida do educando, que ainda não compreendia a incompatibilidade que os homens têm pretendido entre o amor do criador e o amor de uma das suas mais belas e perfeitas criaturas - a mulher" (Guimarães 1978: 28). Uma possível interpretação deste trecho é o ataque direto à misoginia da Igreja, que desde sempre colocou a mulher em segundo plano, sem jamais usufruir dos mesmos direitos dos homens. Lembremo-nos que as mulheres ainda hoje não podem se ordenar. Se quisermos aprofundar a dicotomia entre gêneros, havemos rapidamente de colocar Deus como masculino e a serpente como feminino, bem como Eva, a responsável pelo pecado original. A misoginia comum da religião católica seria um exemplo da profanação dos homens, mais interessados em seus interesses particulares e pecuniários do que em uma forma igualitária de se viver, se pensarmos a religião como uma "corrente filosófica", como apontou Terry Eagleton.

José, o seminarista de Rubem Fonseca, não sabia o que era amar. Suas relações com as mulheres restringiam-se ao sexo - novamente um prenúncio de misoginia, pois elas teriam sido, à luz da religião, as responsáveis pelo mal no mundo. Não confiava em suas parceiras, como não confiava em ninguém, em função de sua atividade de matador de aluguel, até que um dia ele conhece, casualmente, Kirsten (etimologicamente "cristã") e passa a amá-la como nunca amara antes. É o amor que nutre por Kirsten que faz com que ele queira abandonar sua vida de crimes e levar uma vida normal e pacata, pois "o amor é a essência da vida" (Fonseca 2009: 56), ele diz, referindo-se ao sentimento por Kirsten, não por Deus, em quem ele não acreditava. José - nome bíblico, diga-se de passagem, o pai de Jesus - emprega todos os seus esforços para proteger Kirsten do perigo de vida que ela corre, mas, no fim das contas, ela é assassinada, levando consigo a tentativa frustrada de José de iniciar uma nova vida. Desiludido, ele retoma sua vida de crimes, já que o amor, que seria sua redenção, lhe foi roubado - e justamente por D.S., seu amigo de seminário, que não era senão Deus, mas voltaremos a isso mais adiante. Como D.S. matara Kirsten,

José, por sua vez, mata D.S. (Deus), e sentencia: "a pessoa não deixa de ser o que é: dos cabelos até as unhas, da cabeça ao pés (...) eu continuava sendo o que sempre fui, ainda que tivesse mudado de nome" (Fonseca 2009: 178). Esta afirmativa, ao final do romance, é contrária ao ensinamento de que podemos mudar e alcançar o perdão através do arrependimento e da confissão. Evidencia-se, assim, a morte de Deus e de qualquer ensinamento seu, posto que está morto.

Em ambos os romances, o amor é subtraído dos seminaristas. Em Fonseca, é o próprio Deus quem se encarrega de assassinar a amada de José; em Guimarães, é em nome de Deus que ardis são cometidos para preservar a carreira eclesiástica de Eugênio. Ora, mas se Deus é amor, por que a Igreja o reprime tanto? Ou um padre ama Deus ou ama uma mulher; pessoas do mesmo sexo não podem se amar; aparentemente o amor, para a Igreja, é condicional, ou restritivo, e nem *toda forma de amor vale a pena...*

Longe de Margarida no seminário, Eugênio não consegue deixar de pensar nela. Através de versos (de ficção, em última instância), o seminarista exprime seu amor recluso, dá a este amor uma espécie de catarse, até que seus escritos amorosos são descobertos e confiscados pelos padres superiores. E, no seminário, paradoxalmente, sua vida se transforma num inferno. Eugênio é submetido a uma semana de jejuns, enclausuramento, penitências etc.

À força de trabalhos e insônias, de orações, jejuns e mortificações continuadas, caiu em tal estado de prostração, de atonia física e moral, que embotando-se-lhe de todo a sensibilidade e quase extinto o lume da inteligência, o rapaz ficou como que reduzido a um autômato (...). Eis como uma educação fanática e falseada, abusando de certas predisposições do espírito, lança naquela alma o germe de uma luta íntima e cruel, que fará o tormento de toda a sua vida e o arrastará talvez à última desgraça, se a misericórdia divina dele não se amercear (Guimarães 1978: 41).

Aqui o narrador interfere explicitamente contra as arbitrariedades da Igreja. É interessante observar que foram os versos amorosos os responsáveis pela desventura de Eugênio, ou melhor, por seu desmascaramento, do mesmo modo que José também era um leitor voraz de poesia. Pode-se fazer uma equivalência entre Deus e ficção, não no sentido de provar ser Deus uma mentira, mas tão-somente uma verdade construída discursivamente; uma mitologia, no final das contas. José também era leitor de *Deus, um delírio*, de Richard Dawkins, obra no mínimo inusitada para um ex-seminarista. O romance de Guimarães fornece ótimos subsídios para que Dawkins ataque as religiões como um mal a ser combatido. Haveria melhor exemplo, neste livro, de homens bons fazendo coisas ruins apenas e exclusivamente em nome da religião, como no caso da mentira perpetrada pelos padres de que Margarida havia se casado, a fim de convencer o pobre Eugênio a finalmente esquecer-se dela e aceitar o celibato? Para Eugênio, "religião, amor, poesia, eis os elementos que bastavam para encher aquela existência e torná-la a mais feliz do mundo. Eram como três anjos de asas de azul e ouro que esvoaçavam de contínuo em torno dessa alma infantil e cândida e a arrebatavam aos céus em gozos inefáveis" (Guimarães 1978: 30).

Esses três elementos não poderiam caminhar juntos, no entanto. É fácil compreender por que a poesia (ficção) não pode caminhar ao lado da religião. De acordo com Karlheinz Stierle (2006), com o surgimento do cristianismo, passou-se a ter uma única verdade, a verdade de Deus, e a ficção é posta no banco dos réus, ou seja, com o advento do monoteísmo, há apenas uma *verdade* a ser dita – a palavra de Deus – e qualquer escrito que fuja dos ensinamentos do Criador deve ser banido. Não à toa os versos de Eugênio foram confiscados, pois, além de denunciar seu amor a outro ser que não Deus, concorre com os textos sagrados e caminha em direção à profanação.

Eis outra interferência do narrador de Guimarães bastante direta:

O rapaz que sai de um seminário depois de ter estado ali alguns anos faz na sociedade a figura de um idiota. Desazado, tolhido e desconfiado, por mais inteligente e instruído que seja, não sabe dizer duas palavras com acerto e discrição, e muito menos com graça e afabilidade. E se acaso o moço é tímido e acanhado por natureza, acontece muitas vezes ficar perdido para sempre (Guimarães 1978: 47).

Isso aconteceu com Eugênio, em mais de uma cena, como naquela em que ele mente ao seu pai para ir a uma festa na casa de Margarida e é afrontado por um pretendente de sua amada sem conseguir defender-se, sendo socorrido pela própria Margarida, sentindo-se covarde e humilhado. Não é assim, porém, que age José, no romance de Fonseca. Muito mais culto do que Eugênio, José possui vasta leitura de poesia e de filosofia, além de conhecer cinema e arte em geral e ser capaz de falar com desembaraço sobre qualquer assunto, seja com homens ou com mulheres. Uma interpretação possível é que o seminarista do século XXI não tinha nada mais a aprender espiritualmente, restando-lhe apenas a erudição oriunda do seminário. Daí tantas citações em latim da parte de José. Eugênio, por sua vez, idiotizado, sai do seminário, a custo, padre, mas detentor de uma religiosidade ausente em José. No século XIX, apesar dos equívocos, a religião ainda possuía força espiritual; no XXI, restar-lhe-ia apenas a cultura secular, sem qualquer espiritualidade – Deus está morto.

Eugênio lutou o quanto pôde para fugir ao compromisso filial de acatar o desejo de seus pais de se tornar padre, mas, na verdade, ele não era forte o suficiente. Vivia num tempo em que era mais difícil se insurgir contra a família e contra o *status quo*, não podemos ser tão duros com o rapaz. Mas, mesmo buscando ser condescendente com ele, é flagrante que fora muito mais fraco do que Margarida. Esta, após ser procurada, a conselho dos padres, para que se casasse, obstinadamente se recusou, não restando opção ao senhor Antunes senão a expulsão de suas terras. Os pais de Eugênio, naturalmente, creditaram a resistência da moça a dois fatores: primeiro, ao contato com a serpente que se deu no início do romance, que fazia com que ela estivesse sob influência do mal; segundo, recusava-se a contrair matrimônio interessada que estava no dinheiro de Eugênio, denotando a dificuldade de o amor vencer, também, barreiras sociais – Umbelina e Margarida eram agregadas nas terras do senhor Antunes. Ela, porém, mesmo sendo mulher, isto é, mais fraca física e moralmente e culpada pelo pecado original, portanto, pelo destino da humanidade, manteve-se fiel ao compromisso firmado com Eugênio. Este, já ordenado, soube que

fora enganado por seu pai e pelos padres, mas nada mais podia fazer. Apenas resignou-se: "Que ideia infernal de sacrificar o destino de duas pessoas por meio de uma mentira!" (Guimarães 1978: 117). Finalmente, resolve se tornar "um padre sacrílego, um padre infame, como tantos outros, que todos os dias profanam com mãos impuras os vasos do altar e a hóstia sacrossanta. (...) Ah, celibato!... terrível celibato!... ninguém espere afrontar impunemente as leis da natureza!" (Guimarães 1978: 124). Esta fala de Eugênio é preciosa porque, apesar de contida numa obra ultrarromântica, já prenuncia o naturalismo que irá surgir em poucos anos, afora a crítica explícita à Igreja. Em uma palavra, o seminarista do século XIX, revoltado com as mentiras impostas em nome de Deus, abandona a vida sagrada para a qual foi educado, enlouquecendo.

O romance de Guimarães termina com a morte de Margarida no momento que padre Eugênio vai rezar sua primeira missa. Ele, em frente ao altar-mor, arranca todas suas vestes eclesiásticas e sai correndo pela porta principal. "Estava louco... louco furioso" (Guimarães 1978: 126).

O fim do romance de Bernardo Guimarães é um excelente mote para *O seminarista*, de Rubem Fonseca. O seminário transformou o jovem Eugênio em um louco furioso, mais um ponto dialógico ente os dois romances. José, narrador e protagonista de Fonseca, não concluiu o seminário, e sua profissão é matador de aluguel, o melhor que há. Algumas interfaces entre os dois textos já foram apontadas, mas restam alguns breves comentários a serem feitos. Narrado em primeira pessoa, o seminarista do século XXI não possui a intervenção de um narrador alheio à história. O que é narrado o é sob o ponto de vista do personagem. Mas que narrador é este? Quem é este seminarista e quais são suas motivações?

Ele é um matador profissional que não quer saber nada a respeito de suas vítimas ou, como prefere chamar, seus clientes. Poderia ser um personagem sem qualquer ética, mas, por outro lado, afirma que "matar passarinho é pior que matar gente má" (Fonseca 2009: 34). Mais uma vez, evidencia-se que a Igreja é incapaz de alcançar a redenção de "gente má" e que o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, é, por um ex-seminarista e agora matador de aluguel, menos digno da vida do que um pássaro. De acordo com certa visão religiosa, matar gente má é desígnio de Deus; seria o Todo Poderoso o responsável por punir os pecadores. Não digo com isso que José é Deus, mesmo porque ele é ateu, apesar de dizer, em mais de um momento, que D.S. era seu melhor amigo nos tempos de seminário, e que não pode dizer seu nome completo, por isso apenas as iniciais. Eu disse anteriormente que D.S. era Deus e agora preciso me justificar. Uma interpretação possível é a impossibilidade de se dizer o Seu nome em vão, daí a utilização apenas da primeira e da última letras, como fazem os judeus. Outra foi dada pelo professor Gustavo Bernardo Krause, ao se referir ao manual de heresias do século XIX intitulado *Enchiridion Symbolorum et Definitionum*, de Heinrich Deizinger, posteriormente atualizado por Adolf Schönmetzer³, daí a sigla DS. A meu ver, essas duas interpretações são convincentes, mas, textualmente, encontramos outras. Antes, porém, cabe observar que, ao retomar o romance do século XIX, cujo protagonista termina sua participação louco e furioso, torna plausível a loucura de

³ Referência disponibilizada em troca de e-mails.

José que, mesmo sem acreditar em Deus, conversa com Ele, evocando a aposta de Pascal: "Porque estou envelhecendo você acha o que, D.S.? Que vou ficar amedrontado e concluir que é melhor acreditar em Deus, porque se estiver certo tenho uma chance de escapar do inferno e se estiver errado não tenho nada a perder, é isso? Essa esperteza usada por todos os velhos?" (Fonseca 2009: 101). José também faz comentários irônicos, como dizer que D.S. era um ano mais velho que si próprio ou que saíra do seminário por ser libidinoso.

Enfim, uma outra interpretação possível para equiparar D.S. a Deus: José recorre a D.S. quando se vê sem saída para resolver o mistério no qual se vê envolvido. Quem melhor do que Deus, onisciente, para lhe dar as respostas que ele busca? Mas se ele é ateu... Bem, talvez José tenha abandonado o seminário por ter conhecido mais amiúde Deus e não tenha gostado nada do que conheceu, isto é, o sagrado mostrou-se monstruoso para um homem secular. Em Guimarães, são os padres e o pai de Eugênio que maltratam o protagonista; em Fonseca, há uma referência de que são os homens novamente os responsáveis pela barbárie, e que Deus não teria nenhuma responsabilidade, posto que está morto, mas por motivos diversos dos encontrados em Guimarães: "D.S. estava muito estranho. Sugerindo que eu matasse alguém que ele conhecia. Mas, enfim, a mente humana era muito complicada, pensei em Zoroastro, Aristóteles, Platão, Kant, Freud, Nietzsche – se esses putos todos nada sabiam sobre a mente humana, o que saberia eu?" (Fonseca 2009: 169). Ao dialogar com D.S., José humaniza Deus, como Dawkins também fizera, afirmando ser a mente humana complicada – ao contrário do incognoscível Criador.

Em Fonseca também encontramos uma crítica aos preceitos católicos – o arrependimento e a conseqüente absolvição: "Se eu fosse religioso, arrependido como estava, bastava me confessar, rezar alguns padres-nossos e ave-marias que seria perdoado e tiraria aquele peso do meu coração" (Fonseca 2009: 88). O que parece estar nas entrelinhas é o absurdo que é uma vida inteira dedicada a crimes hediondos, a matar pessoas com um tiro na cabeça e, para entrar absolvido no reino dos céus, bastar se arrepender, confessar e rezar. Parece não ser mais possível a religião convencer o homem profano e secular da atualidade, pois, ao contrário do que ocorreu com Eugênio, o poder eclesiástico está enfraquecido.

Para finalizar, chamo a atenção de que José – nome do pai de Cristo – tem apenas mãe, cujo desejo era ver o filho padre. Sem uma figura paterna e sem acreditar em Deus, não abdica, contudo, de seu primeiro nome, já que ele trazia recordações de sua mãe o chamando carinhosamente quando criança. Uma leitura que eu proponho é que, atualmente, vivemos um momento sem Deus, restando a cada um de nós suprir este papel da melhor forma possível, nem que seja apenas automeando-se José. Ambos os romances fornecem muitas e variadas problematizações e críticas a Deus e à religião, daí a importância de sua leitura comparativa, uma vez que, num lapso temporal inferior a duzentos anos, denuncia a saída do homem de uma vida temente a Deus para um homem secular que O matou.

Ambos os seminaristas, tanto o do século XIX quanto o do XXI, aproximam-se mais da visão ateuista e pessimista de Dawkins – lembremo-nos de que José era seu leitor – e distanciam-se da moderação marxista de Eagleton, que se ocupava de uma religião próxima a uma "doutrina filosófica" que dialogaria com o socialismo, pois, na visão deste último, essa era a contribuição decisiva que as religiões poderiam

oferecer: um mundo mais justo, fraterno, altruísta e igualitário. Resta, enfim, ponderarmos que caminhos o homem secular da modernidade, sobretudo da contemporaneidade, está a trilhar e se ainda há espaço para uma vida concernente com os ensinamentos cristãos no mundo de hoje.

Dawkins preocupa-se com a imposição do ensino religioso para crianças, pois, como vimos, falta-lhes discernimento para seguir ou não algo sobrenatural. Sem entrar no mérito da importância que as religiões têm para a humanidade, como afirma Eagleton, ambos os personagens tornaram-se seminaristas por imposição paterna, no caso de Eugênio, e pelo desejo materno, no caso de José. A religiosidade ou qualquer aproximação espiritualista, a julgar pelos dois romances analisados, está cada vez mais distante do homem, cada vez mais secular. Para Eagleton, "o mundo secular precisa conter justiça suficiente para não ser necessário constantemente invocar-se a justiça de Deus contra as injustiças dos profanos" (Eagleton 2011: 100). Em Guimarães, nem Deus nem os homens foram justos, levando o pobre e fraco Eugênio ao enlouquecimento; em Fonseca, o seminarista evoca para si a tarefa de justiceiro, assassinando homens maus. Em ambos os romances não há espaço para uma vida sagrada, prevalecendo o caráter profano e secular de seus personagens, sendo eles religiosos ou não. D.S., finalmente, foi morto.

THE SEMINARIANS OF BERNARDO GUIMARÃES AND RUBEM FONSECA: COMPARATIVE READING ACCORDING TO THE THOUGHT OF THE ATHEISTS DAWKINS AND EAGLETON

Abstract: From the thought two atheists with divergent views about God and religion, this essay examines how Bernardo Guimarães and Rubem Fonseca, authors of homonyms novels, *O seminarista*, written in the nineteenth and twenty-first centuries, respectively, underlie their works. Both can be read as a sharp criticism of religion, but it is interesting to note how their characters live in different historical moments. While Eugênio, in the nineteenth century, has a strong connection with God and with the clerical life, despite his unholy loves, the second, José, in actuality, killed God.

Keywords: God; religion; atheism; fiction.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.

DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

EAGLETON, Terry. *O debate sobre Deus*. Trad. Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FONSECA, Rubem. *O seminarista*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

GUIMARÃES, Bernardo. *O seminarista*. São Paulo: Ática, 1978.

STIERLE, Karlheinz. *A ficção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés, 2006.

ARTIGO RECEBIDO EM 29/03/2014 E APROVADO EM 16/05/2014